



Revista Comunicação Midiática
ISSN: 2236-8000
v. 15, n. 2, p. 80-83, jul./dez. 2020

Os vários telejornalismos brasileiros

Los diversos periodismos televisivos brasileños

The various brazilian television journalism

Gustavo Teixeira de Faria Pereira

Doutorando em Comunicação (Mídias e Processos Sociais), Mestre e Jornalista formado pela Universidade Federal de Juiz de Fora. gustavo_tfp@yahoo.com.br

Resenha de: Emerim, Cárilda; Coutinho, Iluska; Finger, Cristiane (org.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro.** Insular, 2018.

O livro *Epistemologias do telejornalismo brasileiro* (Insular 2018), sétimo volume da coleção *Jornalismo Audiovisual*, idealizada pelos integrantes da Rede de Pesquisadores em Telejornalismo em parceria com a Editora Insular, tem como objetivo apresentar os resultados de pesquisa, métodos e conceitos-chave sobre telejornalismo e audiovisual. Além disso, busca difundir o conhecimento de seus vários integrantes, observando as particularidades das instituições a que os pesquisadores são vinculados e a diversidade regional que compõe a Rede Telejor.

Com uma proposta de intensificação teórico-reflexivo, a proposta da obra é a de contribuir e fortalecer os estudos do campo do Telejornalismo em seus diferentes âmbitos de produção de conhecimento. Para isso, 33 professores e pesquisadores participaram do livro *Epistemologias do telejornalismo brasileiro*, organizado por Cárilda Emerim, Iluska Coutinho e Cristiane Finger.

O grupo atua ativamente em encontros acadêmicos da SBPJOR, Compós e Intercom na divulgação de suas pesquisas desenvolvidas, no debate acerca do telejornalismo e audiovisual no âmbito da graduação, na produção de conhecimento científico para programas de pós-graduação e toda a comunidade acadêmica. Anteriormente foram publicados: *O Brasil (é)ditado* (2012), *#telejornalismo: nas ruas e nas telas* (2013), *Telejornalismo em questão* (2014), *Telejornalismo e Praça Pública* (2015), *Telejornalismo e Poder* (2016), *Desafios do telejornalismo- ensino, pesquisa e extensão* (2017).

A obra se divide em três seções que buscam lançar um olhar mais atento para o campo do telejornalismo e do jornalismo audiovisual.

Na primeira seção, composta por sete capítulos, observa-se a preocupação na definição do telejornalismo como um campo social e de pesquisa, destacando o papel da televisão como central na cultura brasileira. E já no primeiro capítulo, Edna de Mello Silva apresenta uma proposta epistemológica das diferentes etapas do telejornalismo no Brasil, que vai desde a chegada da TV, nos anos 50, até os dias atuais.

A autora propõe seis fases: 1- Telejornalismo Falado; 2- Telejornalismo Reportado; 3- Telejornalismo All News; 4- Telejornalismo Convergente; 5- Telejornalismo Expandido; 6- Telejornalismo Imersivo, que constituem-se como as variadas práticas jornalísticas em televisão ao longo do tempo.

Os capítulos 2 e 3 trabalham com uma intersecção entre telejornalismo e educação. No segundo capítulo escrito por Laerte Cerqueira e Alfredo Vizeu trabalhando os saberes da Pedagogia da Autonomia, trabalhando a filosofia de Paulo Freire, “fundamentando-se a ideia de que informar também é educar” (Meditsch e Faraco, 2003).

Já no capítulo 3, “A narrativa moralizante do Jornal Nacional- Uma leitura em diálogo com as propostas de Robert Park”, os autores Elizena de Jesus Barbosa Rossy e Dione Oliveira Moura, tomam o Telejornalismo como um espaço de criação de laços sociais e de controle social, que acabam desenvolvendo produções de narrativas moralizantes, ou seja,

“desempenhar o papel de agente unificador da sociedade” (Rossy; Moura; 2018, p. 66), que vai além da busca por isenção e imparcialidade, e passa pela moral e ética jornalística.

Nos capítulos de 4 a 7 são apresentadas diferentes angulações que buscam compreender como tem se dado a produção acadêmica, bem como os estudos sobre Telejornalismo nos programas de Pós-Graduação de diferentes instituições de ensino das regiões Sul, Sudeste e Nordeste, representados pelos autores Cárilda Emerim, Cristiane Finger, Flávio Porcello (Pós-Graduação da PUC/RS, da UFRGS/RS e da UFSC/SC), Christina Ferraz Musse, Claudia Albuquerque Thomé e Marco Aurélio Reis (Programas de Pós-Graduação de Minas Gerais), Beatriz Becker (Grupo Pesquisa Mídia, Jornalismo Audiovisual e Educação do Programa de Pós-Graduação da UFRJ/RJ) e Vitor Belém, Livia Cirne e Paulo Lins Cajazeira (produções acadêmicas dos PPGCOMs no Nordeste entre 2013 e 2016).

A segunda seção, intitulada “Olhares e escutas: Métodos para experimentar o telejornalismo” traz mais sete capítulos em que os autores apresentam diversas propostas metodológicas para se estudar o telejornalismo e sua complexidade.

Iluska Coutinho inicia a seção trazendo o caminho desde sua pesquisa de doutorado em 2003, quando começou a trabalhar com o conceito de dramaturgia do telejornalismo, até o desenvolvimento de uma nova metodologia, a análise da materialidade audiovisual, que tem como objetivo a investigação das narrativas jornalísticas audiovisuais como uma unidade, observando suas particularidades.

Outras propostas colocadas como possíveis para se estudar o telejornalismo são as Análises de Conteúdo e de Discurso, principalmente para a Leitura Crítica da Mídia, por Ana Carolina Rocha Pessoa Temer; uma abordagem hermenêutica das narrativas de identidade na TV, por Célia Maria Ladeira Mota; Análise Holística do Audiovisual, com ênfase na parte descritiva e no “olhar para o gênero audiovisual e a ocorrência simultânea das três matrizes: sonora, verbal e visual” (Volponi Leal, 2018, p.232); e propostas de um telejornalismo mais plural e igual, com enfoque na perspectiva de gênero, tal como aborda Ariane Pereira.

Ainda na segunda seção, Flora Neves trabalha com a questão dos mitos no telejornalismo, e retoma Roland Barthes (1993), Robert White (1995) e Eugênio Bucci (2004) para trazer a figura do apresentador de forma mítica, que ganha força na personificação desses mitos como mediadores ou tradutores da realidade, trabalhando entre o campo do simbólico e do real, e portanto, levando a verdade até o público.

Por fim, Lara Linhalis Guimarães e Evandro Medeiros traçam um outro caminho para se pensar o telejornalismo “diferenciante”: da epistemologia à ontologia, a partir dos conceitos de Perspectivismo e de Equívoco, resultado de pesquisas com sobre comunidades ameríndias, mais especificamente dos xamãs, que seriam aqueles que detém o conhecimento e a partir disso se tornam os tradutores de realidade nas comunidades indígenas, tal qual o papel dos jornalistas para a sociedade brasileira.

Na terceira e última seção do livro, “Práticas, o saber do jornalismo audiovisual”, os autores buscam trazer experiências telejornalísticas e audiovisuais que justificam a grande importância dos estudos de telejornalismo no Brasil, dado seu papel fundamental como fonte de informação, presente em 97, 3% dos lares brasileiros, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM) de 2016.

Já no primeiro texto da seção, Letícia Renault traz o exemplo de Sandra Passarinho que estreou na televisão em 1969, e se tornou a primeira repórter brasileira a atuar como

correspondente internacional, ao cobrir a Revolução dos Cravos em Portugal (1974). A importância de Sandra para entendermos o telejornalismo se dá na medida em que ela participou de todo o processo de constituição do jornalismo na TV, e que “colabora para o amadurecimento da sociedade brasileira na superação de um dos seus fundamentos mais arcaicos: o machismo arraigado e para a conseqüente valorização do trabalho da mulher” (Renault, 2018, p. 297).

Na seqüência é trabalhada a questão da extensão universitária como prática laboratorial da produção de reportagem e entrevista ao vivo na Internet, já que agora é possível se fazer televisão também em outras telas, bem como trabalhar o telejornalismo na web, tal como trabalha Edna Mello.

Em continuidade, o livro traz os modos de endereçamento e as narrativas do real com o caso das reportagens no Bom Dia Brasil, que se dá a partir da busca por aproximação e maior vinculação com o público, em texto escrito por Fabiana Piccinin, Maura Oliveira Martins e Michele Negrini.

A obra segue apresentando exemplos de busca por inclusão e representação das mais variadas culturas presentes no âmbito brasileiro, primeiro com Adriana Tigre Lacerda Nilo, que trabalha com a representação dos povos indígenas e a partir do compromisso público do telejornalismo, depois com Vanessa Maia Barbosa de Paiva, que apresenta o projeto das Poéticas dos Encontros, desenvolvido por estudantes da Faculdade de Comunicação da UFSJ-MG, em que se busca apresentar histórias de vidas de moradores de São João del Rei (Minas Gerais).

Na última parte da terceira seção, Jhonatan Mata apresenta “o amador” e as estratégias amadoras que tem conquistado cada vez mais espaço nas narrativas dos telejornais, principalmente a partir da criação do vínculo e do afeto entre emissora e público e da participação do cidadão nas narrativas.

Já Beatriz Cavenaghi, traça um caminho dos apresentadores no telejornalismo brasileiro, que no início dos telejornais televisivos buscavam um ideal de neutralidade, e atualmente tem ganhado cada vez mais espaço como uma figura marcante, principalmente como legitimadores da credibilidade dos telejornais.

No último capítulo, intitulado “As barreiras invisíveis na promessa de interação no telejornal”, Carlos Tourinho trabalha com as potencialidades do novo telejornalismo, a partir da experiência da TV Digital Terrestre (TDT), que veio para substituir a televisão analógica e, juntamente com elas, as dificuldades encontradas pelos telejornais de serem de fato interativas.

Recebido em: 30/04/2019

Aceito em: 20/12/2019